

SOBRE POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS BILATERAIS ENTRE A LÍNGUA GERAL AMAZÔNICA FALADA NO BAIXO AMAZONAS E AS LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ DO SUBRAMO VIII, COM FOCO ESPECIAL NA LÍNGUA ZO'É

Ana Suelly Arruda Câmara CABRAL
Gabriel Barros Viana de OLIVEIRA
Laboratório de Línguas Indígenas – UnB (LALI/UnB)
asacczoe@gmail.com
gbarros341@gmail.com

Resumo: São reunidos elementos para fundamentar a hipótese de que em mais de uma circunstância, falantes das línguas Tupí-Guaraní do subramo VIII tiveram contato com a LGA e que, destes contatos, desenvolveram-se interferências linguísticas bilaterais. O estudo consiste em uma análise contrastiva dos dados de línguas do subramo VIII com dados da Língua Geral Amazônica falada no Baixo Amazonas, entre a região de Breves, que se situa ao sudoeste da ilha de Marajó, e nas regiões das cabeceiras dos rios Oriximiná - Ereré, Trombetas, Mamiá e Paranaquára -, coletados pelo geógrafo Hartt (1872), com dados do Tupinambá do sec. XVII extraídos do *Vocabulário na Língua Brasileira* (ANÔNIMO, [1621] 1952-1953) e com dados da LGA coletados no séc. XIX e início do séc. XX, coligidos por Stradelli (1929).

Palavras-chave: Língua Geral Amazônica; Línguas Tupí-Guaraní; Contato Linguístico; Interferência Linguística; Interferência Bilateral.

1. Introdução

Neste estudo pomos em evidencia aspectos linguísticos que sinalizam prováveis contatos de línguas Tupí-Guaraní do subramo VIII, principalmente o Zo'é, com a Língua Geral Amazônica (LGA) falada nos baixos cursos do rio Amazonas. Dados do Zo'é e das demais línguas do subramo VIII são comparados com dados de uma das mais importantes fontes de conhecimento sobre a Língua Geral Amazônica do século XIX, que é a documentação dos dialetos dessa língua falados no baixo Amazonas no século XIX, de autoria de Charles Frederick Hartt¹. Nosso propósito é o de reunir elementos para a hipótese de que em mais de uma circunstância, falantes das línguas do subramo VIII tiveram contato com a LGA e que, destes contatos, desenvolveram-se interferências linguísticas bilaterais. O estudo consiste em uma análise contrastiva dos dados de línguas do subramo VIII com dados da Língua Geral Amazônica falada no Baixo Amazonas, entre a região de Breves, que se situa ao sudoeste da ilha de Marajó, e nas regiões das cabeceiras dos rios Oriximiná - Ereré, Trombetas, Mamiá e Paranaquára -, coletados pelo geógrafo Hartt (1872), com dados do

¹ Charles Frederick Hartt, um geólogo canadense-americano, contribuiu enormemente para o desenvolvimento da Geologia no Brasil, com uma visão autêntica de geólogo, integrando espaço físico, homem, clima e meio ambiente, em suas viagens à Amazônia (1867, 1871). Além de suas contribuições à Geologia, colocou em evidência a cerâmica marajoara do Tapajós, as pinturas rupestres de Óbidos e do Ereré (ROOSEVELT, 2011), assim como registrou dados das línguas indígenas Mundurukú, Mawé e Língua Geral Amazônica (LGA).

Tupinambá do sec. XVII extraídos do *Vocabulário na Língua Brasileira* (ANÔNIMO, [1621] 1952-1953) e com dados da LGA coletados no séc. XIX e início do séc. XX, coligidos por Stradelli (1929). Identificamos singularidades fonológicas da LGA registrada por Frederick Hartt no Ererê, algumas delas compartilhadas por línguas Tupí-Guaraní do subramo VIII, como o Zo'é, o Wayampí e o Emérrillon, que migraram para o norte do rio Amazonas, mas também com as demais línguas do subramo VIII, o Ka'apór e o Wayampí. Identificamos também singularidades fonológicas e morfossintáticas encontradas em línguas do subramo VIII que correspondem em vários aspectos à LGA dos séculos VIII e XIX. Discutiremos a possibilidade de que essas semelhanças teriam resultado de contato das línguas do subramo VIII com a LGA falada no Baixo Amazonas, em mais de um momento de suas respectivas histórias.

2. Zo'é, Emérrillon e Wayampí: um subgrupo Tupí-Guaraní norte-amazônico

Zo'é, Emérrillon e Wayampí são as únicas línguas Tupí-Guaraní localizadas ao norte do Rio Amazonas. Vários traços compartilhados por essas línguas indicam que constituem um pequeno subgrupo dentro do subramo VIII a que pertencem (cf. CABRAL, 1998; SOUSA, 2013): (a) presença dos prefixos pessoais *oro-* e *poro-* (Wayampí e Zo'é) e *oro-* e *a-poro-* (Emérrillon), respectivamente '2 objeto' e '23 objeto', os quais ocorrem quando o agente é de primeira pessoa; (b) presença de uma primeira pessoa inclusiva *si-* que se combina com verbos intransitivos em certas situações, mas quando o objeto é de terceira pessoa; (c) ausência do modo indicativo II; (d) ausência de prefixos correferenciais de primeira e segunda pessoa; (e) ausência do sufixo do modo gerúndio; (f) ausência da forma original do morfema marcador do estado de existência retrospectivo dos referentes de nomes.

Exemplos:

(a) presença dos prefixos pessoais *oro-* e *poro-* (Wayampí e Zo'é) e *oro-* e *a-poro-* (Emérrillon)

Zo'é

oro-dupã

2-bater

'eu ou nós excl. batemos em você'

poro-dupã

23-bater

'eu ou nós excl. batemos em vocês'

Wayampí

opo-nupã

2-bater

'eu ou nós excl. batemos em você'

poro-dupã

23-bater

‘eu ou nós excl. batemos em vocês’

Emérrillon

oro-ʔu-tar

1EXCL.I-eat-FUT

a) ‘I will eat you.’ (and also: ‘We will eat you.’)

b) ‘We will eat it/her/him/them.’ (ROSE, p. 69)

a-poro-nupã-tar

1SG.I-INDET.II-hit-FUT

‘I/we will hit you all.’ (Lit. ‘I hit people’; spoken in a narrative by a father furious at his misbehaving daughters) (ROSE, p. 69)

(b) presença de uma primeira pessoa inclusiva *si-* que se combina com verbos intransitivos em certas situações, mas quando o objeto é de terceira pessoa

Zo’é

ere ka’i si juke
2.fazer/dizer macaco.prego 12 matar
‘vamos matar macaco.prego!’

(c) ausência do modo indicativo II

Tupinambá

kwesé kaʔá-Ø r-upí o-watá-βo Pedro r-opár-i
ontem mato-ARG R¹-por 3-andar-GER Pedro R¹-perdido-IND.II
‘ontem Pedro se perdeu, andando pelo mato’ (FIGUEIRA, 1687, p. 95 *apud* RODRIGUES, 1996)

Zo’é

kwehé kaʔa r-upí w-atá
ontem mato R¹-por 3-andar
‘ontem, pelo mato, ele andou’

Em Zo’é, como não há mais o modo indicativo II, a circunstância, precedendo ou não o predicado, este manifestar-se-á em um único padrão, o do indicativo.

(d) ausência de prefixos correferenciais de primeira e segunda pessoa;

Asuriní do Tocantins

ere-ha e-seéngar-a
2-ir 2-cantar-ger
‘você vai cantando’

Zo'é

ere-ha didet
 2-ir cantar
 'você vai cantando'

(e) ausência do sufixo do modo gerúndio

Quanto ao gerúndio Tupí-Guaraní, seus reflexos em Zo'é, em Wayampí e em Emérrillon são as construções transitivas quando o agente destas é correferente do sujeito da oração principal, mas sem sufixo algum.

Tupinambá

o-só Pedro ja?wár-a Ø-juká-βo
 3-ir Pedro onça-ARG R¹-matar-GER
 'foi Pedro a matar a onça' (FIGUEIRA, 1687, p. 155 *apud* RODRIGUES, 2011, p. 110)

Emérrillon

e-kwa belu-l-eta
 2SG.IMP-aller liane-RELN-couper
 Vá couper la liane. (ROSE, p. 521)

Zo'é

e-kwa dybo r-eké
 2-passe fio R¹-procurar
 'vá procurar fio!'

Note-se que o sufixo de gerúndio é ainda encontrado em Awá-Guajá, mas há apenas vestígios não analisáveis destes nessa língua. Nem o Guajá ou o Ka'apór mantêm o prefixo correferencial de terceira pessoa, distinguindo-se assim do Zo'é e do Emérrillon.

(f) ausência do marcador do estado de existência retrospectivo

Os reflexos do estado retrospectivo dos referentes dos nomes em Proto-Tupí **-kwer*, **-er* aparecem nas formas de vários nomes em Zo'é, em Emérrillon e em Wayampí, embora o Emérrillon ainda mantenha reflexos de **-kwer*. Já no Zo'é e no Emérrillon, criou-se um novo morfema retrospectivo a partir do alomorfe *-er*, combinado com a sequência *-ar*, *-ar + -et = -aret*.

Tupinambá	Zo'é	Glosa
pir-er	pirer-aret	'pele arrancada'
-aβ-er	awer-aret	'pena arracada'
-emiriko-kwer 'ex-esposa'	biriké-aret	'ex-namorado'

O Zo'é lexicalizou várias formas combinadas com o retrospectivo, como *piret* < *pir-et*, *-awer* < *-aβ-er*, e desenvolveu um novo morfema retrospectivo *-aret*. Desenvolvimento paralelo ocorreu em Wayampí (cf. Jensen 1989, p. 23). Note-se que em Emérrillon a palavra pala 'pelo' se lexicalizou com o alomorfe do sufixo retrospectivo *kwer > *er, *-awer* 'pelos', como ocorreu também em Zo'é.

3. Algumas considerações sobre a fonologia do Zo'é, do Emérrillon e do Wayampí

É importante notar que o Zo'é e o Emérrillon mantiveram reflexos das consoantes finais do Proto-Tupí-Guaraní até o presente e que o Wayampí ainda mantinha consoantes finais até o final do século XIX, como mostram os dados dessa língua datados dessa época (cf. COUDREAU, 1887-1889, 1989-1891). Entretanto, nenhuma delas e o Awá-Guajá e o Ka'apór manteve reflexos de PTG *β e *w finais.

Tupinambá	Zo'é	Wayampí	Emérrillon	Glosa
-roβ	-ro	-ro		'amargo'
-kwaβ	-kwa	-kwa	-kwa	'passar'

Um outro fato importante sobre as línguas do subramo VIII, principalmente o Zo'é, é que todas essas línguas apresentam o som *s* em várias palavras de diferentes classes gramaticais, mesmo tendo fundido os seus respectivos reflexos do Proto-Tupí-Guaraní *ts e *tʃ em *h* ou zero (cf. CABRAL, 1996; RODRIGUES & CABRAL, 2002).

Tupinambá	Zo'é	Wayampí	Emérrillon	Glosa
-asaβ	-asa	-asa		'atravessar'
-suʔu	-soʔu	-suʔu	suʔu	'morder'

O desaparecimento de reflexos de PTG *β e *w finais, somado à existência de palavras com *s*, reflexos de PTG *tʃ ou *f, são características peculiares a essas e às demais línguas do subramo VIII, o Awá-Guajá e o Ka'apór.

Quando comparamos as línguas do sub-ramo VIII com as demais línguas Tupí-Guaraní setentrionais, ou seja, as línguas do subramo VI, do subramo V e do subramo IV, vemos que as primeiras são as menos conservadoras quanto aos modos verbais, o que as torna mais próximas das variedades da língua Geral Amazônica dos séculos XVII e XIX. Sabe-se que um povo Wayampí já fora mencionado por Bettendorf como presente na missão do Xingú, em meados do século XVII (cf. CABRAL p.61). Muito provavelmente o Baixo Xingu foi o ponto a partir do qual o ancestral do subramo VIII se diversificou. O Wayampí, o Zo'é e o Emérrillon muito provavelmente atravessaram o Amazonas, por volta dessa época, e o Guajá e o Ka'apór tomaram o rumo leste, possivelmente atravessando o Tocantins, passando pelo Capim e Moju rumo ao Gurupí e adjacências, como foram os casos de outros grupos Tupí-Guaraní que migraram para a região da confluência do Pará com o Maranhão.

Há várias outras características dessas línguas que, junto com as características focalizadas até aqui, indicam que os seus falantes tiveram contato com falantes da LGA em mais de um momento durante os últimos três séculos.

4. A Língua Geral Amazônica falada no baixo Amazonas: algumas características estruturais

A Língua Geral Amazônica é uma língua da família Tupí-Guaraní (cf. RODRIGUES, 1985; RODRIGUES & CABRAL, 2002), desenvolvida a partir do Tupinambá falado fora dos contextos das aldeias, na região que atualmente corresponde aos estados do Maranhão e Pará. A sua origem, ao contrário do que muitos estudiosos afirmam, é genética, não sendo a LGA, pois, um pidgin, um crioulo ou uma língua mista. O contexto de seu surgimento é bastante singular, não tendo, fora da América do Sul, nos casos da Língua Geral Paulista e do Guarani Paraguaio, nenhum outro correspondente.

No início da colonização da Amazônia, os colonos brancos eram numericamente bastante inferiores aos indígenas. Ademais, o número de mulheres brancas era ínfimo, restringindo-se, no máximo, às esposas das autoridades coloniais. Isso levou a uma miscigenação em grande escala de homens europeus e mulheres indígenas, cujo resultado foi uma população mestiça cuja língua materna era o Tupinambá aprendido da mãe e não o Português do pai (cf. RODRIGUES, 1996). A partir do momento que o Tupinambá passou a ser uma língua essencialmente dos mestiços, ela “já não mais servia a uma sociedade e a uma cultura indígenas, mas à sociedade e à cultura dos mamelucos, cada vez mais distanciadas daquelas e mais chegadas à cultura portuguesa” (RODRIGUES, 1996, p. 8). Consequentemente, o Tupinambá falado pelos descendentes desta mestiçagem “deveria apresentar modificações, também motivadas por interferências do português, cujo uso se intensificava essencialmente através da população masculina” Além disso, o Tupinambá falado por essa população mestiça foi “progressivamente reajustando-se e diferenciando-se do Tupinambá falado pelos índios que sobreviveram até meados do século XVIII” (RODRIGUES, 1996, p. 8). Outro fato importante de se salientar é que, nessa fase de contato, não houve as condições sociais que favorecem o surgimento de pidgins e crioulos.

Os jesuítas tiveram indubitavelmente um importante papel na difusão e consolidação da LGA, principalmente nos primeiros 150 anos da colonização do Maranhão e do Pará (cf. RODRIGUES & CABRAL, 2011). Contudo, eles não a criaram artificialmente ou agiram como agentes simplificadores da língua. Muito pelo contrário, os religiosos foram bastante conservadores no uso do Tupinambá em seus trabalhos missionários, como podemos ver nos documentos elaborados por eles nos séculos XVII e XVIII (por exemplo, o *Compendio da doutrina christã na língua portuguez, & brasílica* e a *Doutrina Christã em Lingoa Geral dos Indios do Estado do Brasil e Maranhão, composta pelo P. João Philippe Bettendorff, traduzida em Lingoa Geral irregular e vulgar uzada nestes tempos*, ambos de autoria do Pe. João Felipe Bettendorf).

4.1 Algumas mudanças estruturais ocorridas na passagem do Tupinambá para a LGA do século XIX

Houve várias mudanças estruturais na passagem do Tupinambá para a LGA do século XIX. Porém, essas mudanças não foram abruptas, ocorreram de forma paulatina nas diversas áreas em que essa língua foi falada nos últimos 400 anos. Uma dessas mudanças foi a perda

da funcionalidade do caso argumentativo em nomes e a adição de vogais finais em verbos, muitos dos casos pela perda de funcionalidade de sufixos modais (gerúndio *-a* e indicativo II *-i*) e do sufixo de negação *-i*. Entretanto, ainda no século XIX as variedades da Língua Geral do Baixo Amazonas mantinham consoantes finais, como nos mostram os dados registrados por Carlos Frederic Hartt em 1867 e 1871.

4.1.1 Palavras da Língua Geral Amazônica do Baixo Amazonas (sec. XIX) que conservaram consoante em final de tema

Conservação da plosiva velar surda /k/

Tb	LGA-BAm	LGA-AAm	Zo'é	glosa
sík	sík	síka		‘chegar’
mo-fjirířk	mo-pirířk	mu-pirířka		‘frigor’
modók	mopók	mpúca	bodók	‘quebrar’
epják	fjipiák	fjipiá	esák	‘ver’
pomõ ^m bík	pũ ^m bík	põ ^m bíka		‘torcer’
maniók	maniók	manióka	badi’ak	‘mandioca’
mo-jasúk	súk	mu-jásúka	bo dzahák	‘lavar’

Conservação da nasal bilabial /m/

Tb	LGA-BAm	LGA-AAm	Zo'é	glosa
jomím	jumím	mumíme	ñimim	‘esconder’
βasém	wasém	wasémo	wahem	‘achar’
sím	isím	isíma	hym	‘liso’
jořím	jumuřím	juříma	idzaty	‘plantar’

Conservação da nasal velar /ŋ/

Tb	LGA-BAm	LGA-AAm	Zo'é	glosa
mojãŋ	mojãŋ	mujã	mojãŋ	‘fazer’
purúŋ	pirúŋ	pirú	piriŋ	‘pisar’

mocáŋ	mutikáŋ	muticáŋa	monitfian	‘enxugar’
-------	---------	----------	-----------	-----------

Conservação do flap /r/

TB	LGA-BAm	LGA-AAm	Zo'é	glosa
píter	píter	pité	pitét	‘beijar’
kér	kér	kíri	kít	‘dormir’
pupúr	popór	pupúre	popót	‘ferver’
jeupír	jupír	jupíre	jupít	‘tregar’
porakár	purakár	purakáre	porakát	‘encher’

Um fato a ser notado é o de essas variedades da LGA não apresentam nem β ou w em final de tema.

Outro fato interessante a ser observado é a passagem de $i \rightarrow i$ nos dialetos do Alto Amazonas (cf. tabela abaixo). Essa mudança estava em curso quando Stradelli realizou a documentação das variantes da LGA no Alto Amazonas (no início do século XX), fato que se pode comprovar com a presença da vogal central em certas palavras, como em *si* ‘mãe’, *puíra* ‘flor’. A mudança de $i \rightarrow i$ já estava completamente realizada no final do século passado, sendo a única vogal central da língua a vogal /a/ (cf. BORGES, 1991). Entretanto, as variedades da LGA faladas no baixo amazonas, ainda mantinham a vogal central até finais do século XIX.

Tb	LGA-BAm	LGA-AAm	glosa
sík	sík	síka	‘chegar’
kisé	kisé	kisé	‘faca’
apisá	apisá	japisá	‘ouvido’

4.1.2 Redução do sistema casual:

Rodrigues (1981; 2000) descreve seis casos morfológicos para o Tupinambá (locativo pontual, locativo difuso, locativo situacional, translativo, dativo e argumentativo).

Locativo pontual (-pe ~ -ipe):

ybákype tecoár

iβak-ipe t-eko-ar

céu-LOC.P R⁴-estar.em.mov-NOM.A

‘vivedor no céu’ (ARAÚJO, 1618, p. 35)

Locativo difuso (-βo ~ -iβo):

a-só ók-iβo

1-ir casa-LOC.D

‘vou pelas casas’ (FIGUEIRA, 1687, p.7)

Locativo situacional (-i ~ -j):

sjé ϕ-pitá-j t-úr-i

1 R¹-calcanhar-LOC.S R⁴-vir-IND.II

‘no meu calcanhar veio’ (ANCHIETA, 1595, p. 41)

Translativo (-amo ~ -ramo ~ -namo):

nde irúnamo

nde ϕ-irũ-namo

2 R¹-companheiro-TRANS

‘(na qualidade de) teu companheiro’ (ARAÚJO, 1618, p. 36)

Dativo (-βe ~ -βo ~ -me ~ -mo)²:

eimëeng corí orêbe

e-i-meʔéŋ korí oré-βe

2-R²-dar hoje 13-DAT

‘dá a nós hoje’ (ARAÚJO, 1618, p. 36)

Argumentativo (-a ~ -ϕ):

Tupã Tûba

tupã-ϕ t-úβ-a

Deus-arg r4-pai-arg

‘Deus Pai (de gente)’ (ARAÚJO, 1618, p. 37)

Alguns dialetos da LGA, como o falado no Baixo Amazonas no século XIX, ainda possuíam os casos locativo pontual e dativo. Porém, o locativo pontual também podia ser expresso pela posposição *opé/upé*. Já outros dialetos perderam todos os casos, sendo o locativo pontual expresso exclusivamente pela posposição *upé* e o dativo pela partícula *aráma*. Isso nos dá mais uma prova de que a variedade da LGA falada no Baixo Amazonas documentada por Charles Frederik Hartt, principalmente o dialeto falado na Serra de Ererê, era a mais conservadora.

tapiíra kaáúára oyuyunún kaápe

tapiíra-kaʔáwára o-ju-junũ kaʔá-pe

anta 3-REFL-esconder mato-LOC.P

‘a anta se escondeu no mato’ (HARTT, 1938, p. 341)

² Caso exclusivo de pronomes independentes

emukytan se renimú ixéu
 e-mukitã sé r-enimú i]é-w
 2-amarrar 1 R¹-fio 1-DAT
 ‘faça um nó no fio para mim (amarra meu fio pra mim)’ (HARTT, 1938, p. 333)

xasó rañé amú óka opé
 ja-só rajē amū óka ø-opé
 1-ir IMPERF outro casa R¹-em
 ‘deixa-me ir a uma outra casa’ (HARTT, 1938, p. 365)

xá uacēmo ndé; xá mehē curí indé arāma
 ja-wasémo ⁿdé ja-me?ē kurí indé aráma
 1-achar 2 1-dar FUT 2 para
 ‘eu te acharei e darei a ti’ (MAGALHÃES, 1876, I, p. 177)

Iáuti oikí iuí quára upe
 jawí o-ikí iwí kwára ø-upé
 tartaruga 3-entrar terra buraco R¹-em
 ‘a tartaruga entrou no buraco da terra’ (MAGALHÃES, 1876, I, p. 204)

Essa redução do sistema de caso do Tupinambá não se deu de forma repentina, como podemos ver no uso do translativo na LGA do século XVII, em que este caso, embora ocorresse, já estava sendo substituído pelo caso argumentativo e pela partícula *rama*:

Abá irúnamo túri?
 aβa ø-irũ-namo t-úr-i
 pessoa R¹-companhia-TRANS R²-vir-IND.II
 ‘ele veio na qualidade de companheiro de quem?’ (DOCTRINA..., [16 -], p.24v apud: RODRIGUES & CABRAL 2011)

mbae rece Tupã Täyra jandé jadé apyabáramo onhemonháng
 ma?é r-esé tupã-ø t-ařr-a jandé jaβé apiaβ-á-ramo o-je-moján
 coisa R¹-com.respeito.a Deus R⁴-filho.de.homem-ARG 12(3) como macho-ARG-TRANS 3-REF-fazer
 ‘Por quê o Filho de Deus se fez na qualidade de humano como nós’ (DOCTRINA..., [16 -], p.22v apud: RODRIGUES & CABRAL 2011)

Mbäe täe oimonháng cetérama?
 ma?é ta?é o-i-moján s-eté ráma
 o que dubt 3-r2-fazer r2-corpo na.qualidade.de
 ‘o quê ele fez como seu corpo?’ (DOCTRINA..., [16 -], p.14v apud: RODRIGUES & CABRAL 2011)

Rodrigues & Cabral (2011) apontam para o fato de que a LGA do século XVII e XVIII ainda fazia a distinção entre nomes funcionando como argumente ou como predicado em decorrência do uso do caso argumentativo. Com respeito aos locativos situacionais e difusos, os autores afirmam que este possuía apenas duas ocorrências - *ary-bo* ‘sobre’ ” e *kupé-bo* ‘atrás’ (VOCABULÁRIO..., 1951, p.50) - e que o situacional já havia caído.

4.1.3 A perda do Gerúndio

A LGA perdeu o modo subjuntivo, embora ainda estivesse ativo no século XVIII, como mostram Cabral & Rodrigues (2011). Nos dados da LGA registrada por Hartt, já não há vestígios do modo gerúndio.

4.1.4 Perda do indicativo II

A LGA perdeu o modo indicativo II, embora esse modo ainda estivesse ativo no século XVIII, como mostram Cabral e Rodrigues (2011). Nos dados da LGA registrada por Hartt, já não há vestígios desse modo.

5. Considerações finais

Os fatos discutidos neste estudo constituem indicações de que as línguas do subgrupo VIII, principalmente as línguas do subgrupo norte-amazônico, sofreram influência da LGA em mais de um momento de suas respectivas histórias. A presença de um grupo Wayampí em uma aldeia do Baixo Xingu no século XVII é a primeira indicação de que tiveram contato com a LGA já na época das missões. Muito provavelmente os Emérrillon e os Wayampí do Oiapoque tiveram contato com falantes da LGA dos séculos XVIII e XIX. Se os Zo'é chegaram à região em que atualmente se encontram há aproximadamente 200 anos, como tudo indica, muito provavelmente tiveram contato com falantes plenos da LGA do século XIX falada nas regiões de Oriximiná e Óbidos, mas também tiveram contato com a LGA falada na região do baixo Xingu, já que as evidências linguísticas apontam para um estreito grau de relações genéticas entre essa língua e as línguas Wayampí e Emérrillon (Cabral, 1996, 1998; Souza 2013). A perda de marcas morfossintáticas de certos modos verbais em Zo'é, em Emérrillon, em Wayampí e em Ka'apór podem ter resultado do contato de seus respectivos falantes com falantes da LGA. Por outro lado, as características conservadoras das variedades da LGA do Baixo Amazonas, como retenção de reflexos de consoantes finais, retenção da vogal central e de expressões casuais pode ter sido resultante de interferência das línguas aqui mencionadas no desenvolvimento da LGA.

Referências Bibliográficas

- ANCHIETA, J. de. **Arte de grammatical da lingua mais usada na costa do Brasil**. Edição facsimilar. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1933.
- ANÔNIMO. **Vocabulário na Língua Brasileira**. 2. Ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, [1621] 1952-1953. 2 v.
- ARAÚJO, Antonio de, 1618. **Catecismo na lingua brasilica**. Lisboa: P. Crasbeeck. Reedição facsimilar: Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1952.

- BETTENDORF, J. F. **Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 72. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1698 [1910].
- BORGES, L. C. **A língua geral amazônica: aspectos de sua fonêmica**. 1991. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CABRAL, A. S. A. C. **Notas sobre a fonologia segmental do Jo'ê**. Moara, Belém: Universidade Federal do Pará, v. 4, p. 23-46, 1996.
- _____. **A propósito das oclusivas sonoras do Jo'ê**. Moara, 9: 53-71. Belém: Universidade Federal do Pará. 1998.
- _____. **Observações sobre a história social da Língua Geral Amazônica**. In: SIMÕES, M. S. (Org.). Memória e Comunidade, Belém: Gráfica Universitária, Universidade Federal do Pará, p.103-129, 2000.
- COUDREAU, H. A. **Voyage au Tapajoz, 28 juillet 1895 – 7 janvier 1896**. Paris: A. Lahure. 1897.
- _____. **Vocabulaires méthodiques des langues Ouyana, Aparai, Oyampi, Emerillon, précédés d'une introduction par Mr. Lucien Adam**. (Bibliothèque Linguistique Américaine 15). Paris: Maisonneuve, 1892.
- FIGUEIRA, L. **Arte de grammatica da lingua brasilica**. Edição facsimilar. 2.ed. Leipzig: Teubner, 1878.
- HARTT, C. F. **Notes on the Lingoa Geral or Modern Tupi of the Amazonas**. Boston: Transactions of the American Philological Association, p. 58-76, 1872. v. 3.
- HARTT, C. F. **Notas sobre a língua geral ou Tupi moderno do Amazonas**. Rio de Janeiro: Anais da Biblioteca Nacional, v.51, p. 305-390, 1929 [1938].
- JENSEN, C. J. S. **O desenvolvimento histórico da língua Wayampi**. (Série Línguas Indígenas). 2ª ed. Campinas : Editora da UNICAMP, 1990.
- MAGALHÃES, J. V. C. de. **O Selvagem**. Rio de Janeiro: Typographia da Reforma, 1876.
- RODRIGUES, A. D. **Estrutura do Tupinambá**. Línguas e Culturas Tupí, v.2, p. 11-42, 1981 [2010].
- _____. **Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní**. Revista de Antropologia, São Paulo, n.27/28, p.33-53, 1985.
- _____. **As línguas gerais sul-americanas**. Papia, Brasília, v.4, n.2, p.6-18, 1996.
- _____. **Argumento e predicado em Tupinambá**. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v.3, n.1, p. 93-102, 1996 [2011].
- _____. **Sobre a natureza do caso argumentativo**. In: Queixalós, F. (org.). Des noms et des verbes en Tupi-Guarani, état de la question. Caiena: IRD e CNRS, pag. 63-74, 2000a.

- _____. **Alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em línguas Tupí-Guaraní.** Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v.3, n.1, p. 103-114, 2001[2011].
- RODRIGUES, A. D; CABRAL, A. S. A. C. **Revedo a classificação interna da família Tupi-Guarani.** In: CABRAL, A. S. A. C; RODRIGUES, A. D. (Org.). Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história. Belém: EDUFPA, v. 1, p. 327-337, 2002.
- _____. **A contribution to the linguistic history of the Língua Geral Amazônica.** Alfa : Revista de Linguística (UNESP. São José do Rio Preto. Online), v. 55, p. 613-639, 2011.
- ROOSEVELT, Anna. **Tirando o pó das Brazilian Antiquities: Charles Frederick Hartt relido por Anna Roosevelt.** Tradução de Daniela Kern. Revista de História da Arte e Arqueologia, 2011, v.1, p. 39-55. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2016%20%20artigo%203.pdf>>, último acesso em 20 jul. 2013.
- ROSE, Françoise. **Eléments de phonétique, phonologie et morphophonologie de l'émérillon (Teko).** Mémoire de DEA, Sciences du langage, Université Lyon 2, 211 p. 2000.
- SOUSA, S. A. de. **Contribuições para a história linguística do subgrupo Tupí-Guaraní Norte Amazônico, com ênfase na Língua Zo'é.** 2013. 156 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília.
- STRADELLI, E. **Vocabularios da lingua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez, precedidos de um esboço de grammatica nheênga-umbuê-sáua mirî e seguidos de contos em língua geral nheêngatú poranduua.** Rio de Janeiro: Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, t. 104, v.158, p. 9-768, 1929.